

Resenha

A GUERRA FRIA CULTURAL E SEUS AGENTES

LA GUERRA FRÍA CULTURAL Y SUS AGENTES

CULTURAL COLD WAR AND ITS AGENTS

DOI: 10.22481/rbba.v12i02.13600

,Manoel Reinaldo Silva Rego
Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8822-9023>
Id. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1496146796672394>
Endereço eletrônico: msilvarego6@gmail.com

Resenha de RIDENTI, Marcelo. **O segredo das senhoras americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento na Guerra Fria Cultural**. São Paulo: Editora UNESP, 2022. 406 páginas.

A Guerra Fria não se restringiu às ameaças bélicas de avanços para campos de batalha entre as potências vencedoras na Segunda Guerra Mundial (1938 a 1945). Com o intuito de demarcar territórios, áreas de influência e conquistar mentes para seu campo ideológico, os Estados Unidos da América (EUA) e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) montaram diversificadas formas e estratégias para se posicionarem como alternativa viável para um mundo pós-catástrofe provocado pelos horrores e sequelas de uma guerra que teve proporção mundial. Sobre essa questão, existem evidentes reflexões que precisavam ser feitas, como sobre o racismo nazista.

Publicado sob a Licença Internacional – CC BY-NC-SA 4.0

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 12	Num.2	Dez/2023	p. 291-296
----------------	--	---------	-------	----------	------------

Submissão: 18/09/2023

Aprovação: 31/10/2023

Publicação: 10/12/2023

Entretanto, não foram somente as duas grandes potências que tiveram papel de destaque na Guerra Fria (1947 a 1989). Isso é o que pode ser visto no livro de Marcelo Ridenti. Na Europa, em especial em Paris, na França, formou-se outro campo de batalha: a intelectual. Para o lado dos comunistas, palavras e conceitos como o de “colonialismo”, “imperialismo” e “neocolonialismo” tornaram-se familiares ao tratar de seus adversários. Do mesmo modo, do outro lado do espectro, expressões como “mundo livre” e “totalitarismo” tornaram-se as formas como se denominavam seus opositores no campo de combate. Essa circunstância abrangia editoras e revistas engajadas, além dos eventos culturais.

O livro de Marcelo Ridenti dá maior enfoque para os propagadores das políticas em prol dos americanos e do liberalismo. Isso está relacionado ao fato de o Brasil ficar sob área de influência dos Estados Unidos. E o outro motivo resulta do fato de o autor já ter outras publicações sobre os comunistas, merecendo destaque os livros *Em Busca do Povo Brasileiro* e *o Fantasma da Revolução Brasileira*, ambos também encontrados em publicações da UNESP.

Publicado por essa mesma editora em 2022, o livro *O Segredo das Senhoras Americanas: intelectuais, internacionalização e financiamento da Guerra Fria Cultural* constitui uma abordagem que possibilita uma análise de ângulos diferentes da Guerra Fria. Recorrendo a várias formas de fontes, o livro é resultado de estudos que levaram vários anos. Parte da obra já tinha sido apresentada pelo autor em congressos, revistas, e outros eventos acadêmicos.

O livro é dividido em três capítulos. O primeiro é sobre os comunistas e o Conselho Mundial da Paz (CMP). No segundo capítulo, ele aborda a internacionalização cultural liberal. Por fim, no terceiro, trata do segredo das senhoras americanas. Todos os capítulos têm dois pontos em comum: o financiamento e a internacionalização de disputas de mentes pelos dois espectros da Guerra Fria: capitalistas e comunistas.

Marcelo Ridenti faz uma abordagem sobre as batalhas através de financiamentos culturais na construção da esfera ideológica para conquistar mentes. EUA e URSS buscaram essa conquista através de ações e instituições montadas para, a partir da produção intelectual, entre outras formas, fazer uma batalha na cooptação de adeptos do liberalismo ou do comunismo respectivamente.

A obra em questão faz parte dos estudos sobre a temática da Guerra Fria Cultural. A cada ano, aumenta o número de autores com foco nesse estudo sobre o pós-guerra. Uma obra importante sobre a temática foi publicada no final do século passado, de autoria da historiadora

inglesa Frances Stonor Saunde, *La Cia y la guerra fría cultural*, que pode ser encontrada em espanhol pela editora Debate Editorial, em publicação de 2013.

No Brasil, uma importante investida sobre o assunto pode ser vista nas seguintes obras: (i) *Guerra Fria e política editorial: a trajetória das Edições GRD e a campanha anticomunista dos Estados Unidos no Brasil (1956-1968)*, publicada pela Editora da Universidade Estadual de Maringá em 2015, de autoria de Laura de Oliveira; e (ii) *O Brasil na Guerra Fria Cultural: O pós-guerra em releitura*, publicado pela Editora Intermeios, em 2017, de autoria de Elizabeth Cancelli. Ambos os livros colocam o Brasil no circuito da Guerra Fria Cultural e abordam o financiamento feito por instituições estadunidenses para a construção de uma atmosfera política anticomunista.

Quanto ao livro ora resenhado, o autor busca analisar a internacionalização cultural comunista por um lado, qual seja, a sua complexa rede de contatos entre intelectuais latino-americanos e europeus. Da mesma forma, é analisada, na obra em questão, a rede desses intelectuais, na grande maioria defensores do capitalismo, os quais Marcelo Ridenti denominou de internacionalização cultural liberal. E o autor acrescenta uma terceira temática, também inserida no contexto, a qual dá título ao livro: os segredos das senhoras americanas.

Se o cenário do livro é a Guerra Fria Cultural, entre as décadas de 1950 a 1960, os atores são diversos: principalmente, comunistas, liberais e intelectuais com objetivos múltiplos, engajados em questões ideológicas ou simplesmente buscando mais um meio em difundir suas ideias e trabalhos. O que o autor evidencia é que havia um jogo, e os atores estavam em palco competindo. Eram os dois polos da Guerra Fria entrando em disputa por meio de um dos seus principais campos de batalha, o ideológico.

Por um lado, estava o CMP, organizado em prol da União Soviética, o qual consistia na construção de uma rede de contatos e organizações entre os defensores dos ideais comunistas. Marcelo Ridenti discorre sobre os exilados comunistas da América Latina e os que, não necessariamente, encontravam-se em exílio, mas que, entretanto, buscavam alternativa em difundir suas obras e ideias. Paris tornava-se o alvo de concentração entre esses sujeitos. É aí que surgem personagens como Jorge Amado, Pablo Neruda, Glauber Rocha, entre outros, que tornarão, com suas obras literárias, e, no caso de Glauber Rocha cinematográfica, atores na Guerra Cultural. Diante disso, a Europa, principalmente a capital francesa, era impactante na vida desses intelectuais.

E o impacto não era somente da rede de sociabilidade e solidariedade ideológica. O CMP repercutiu na vida e na atuação política dessas pessoas engajadas na militância política, artística e intelectual dessas pessoas. Além disso, o CMP foi fundamental para que muitos desses intelectuais passassem a ver a América Latina como Terceiro Mundo e juntamente com a Ásia e a África entrassem em redes de solidariedade múltipla. É nesse momento que a obra de Jorge Amado, já conhecido na Europa, principalmente nos países comunistas, encontra mais leitores. As questões afro-brasileiras dos livros do escritor baiano tornam-se motivos de interesses na África, principalmente nos países que têm a língua portuguesa como idioma oficial.

Pelo outro lado, estava o Congresso pela Liberdade e Cultura (CLC), que representava a resposta dos liberais ao CMP. Ambos passaram a ter sua sede na França e espalhavam sua influência pelo mundo e tinham no Brasil uma atuação importante, principalmente após a Revolução Cubana ocorrida em 1959. Essa instituição tinha como estratégia financiar revistas e eventos anticomunistas. Entretanto, buscava ter como adeptos pessoas de esquerda não comunistas. Era a estratégia liberal. Dentro dessas pessoas de esquerda, podem ser citadas dois personagens que não tinham posições em prol de um desenvolvimento do Brasil subordinado aos EUA, como foi o caso de Florestan Fernandes e Celso Furtado. Marcelo Ridenti denominou-os de estranhos no ninho.

Cadernos Brasileiros foi a revista principal do CLC no Brasil. Publicavam liberais, anticomunistas, pessoas de esquerda não comunistas. Até trotskistas chegaram a ter trabalhos publicados. Entretanto, eram priorizados pontos em comuns nas suas publicações: a defesa das posições liberais e das instituições políticas estadunidenses, que denominavam de “mundo livre”. E a generalização entre nazismo e stalinismo como poderes totalitários, estendendo esse conceito a qualquer forma de organização de esquerda em geral.

Marcelo Ridenti esclareceu no livro que os Cadernos Brasileiros tinham autonomia em relação ao Instituto de Ciências Sociais (IPES). Ambos tinham finalidades em comum, e tiveram membros que atuaram nas duas instituições. Porém, um não era extensão do outro. Outro ponto evidenciado pelo autor foi a descoberta do financiamento pela CIA dessas publicações e eventos organizados pelo CLC. Isso foi desconfortável para muitos intelectuais, entre eles Florestan Fernandes. O impacto da descoberta da CIA não foi maior porque a Fundação Ford, instituição respeitada, também estava na empreitada, e de forma pública.

Em *O segredo das senhoras americanas*, parte central do título escolhido pelo autor, aparecem novos personagens: os estudantes universitários e as senhoras americanas. E o deslocamento do estudo sai da Europa e vai para os Estados Unidos da América. Saem os intelectuais, muitos deles já consagrados, e entram estudantes com objetivos e perfis ideológico diversos.

E o mecanismo principal de conquistar mentes era a Associação Universitária Interamericana (AUI). Marcelo Ridenti vai levantar uma série de informações sobre esses jovens, com perfis variados quanto às posições ideológicas do espectro político, embora a maioria fosse simpatizante do modelo liberal estadunidense. Hoje muitos deles são conhecidos como profissionais liberais, intelectuais importantes e quadros em alguns partidos políticos brasileiros. Houve também desaparecidos políticos da ditadura que participaram desse intercâmbio promovido pela AUI.

Não havia homogeneidade no perfil desses estudantes. Houve casos de universitários que foram para os Estados Unidos e, posteriormente, fizeram parte do outro espectro em disputa, indo para Cuba e aderindo à oposição armada à ditadura militar no Brasil. A ebulição por que passaram os anos sessenta do século passado deixava suas marcas: as questões da crise do colonialismo europeu, a União Soviética, a China e, posteriormente, Cuba e os movimentos feministas. Um mundo tornando-se redes de agitações políticas de todas as formas.

Marcelo Ridenti menciona, inclusive, que no segredo das senhoras americanas não estava somente o financiamento encoberto de ações em prol dos EUA e da política anticomunista. Estavam as senhoras ricas de origem conservadoras buscando seu espaço no meio político diante do avanço das conquistas das mulheres, através dos movimentos feministas. Abrigar alunos em suas casas, conduzir esses estudantes para descobrir os valores das instituições americanas e do capitalismo liberal foi a forma encontrada de participação política por essas mulheres.

Quanto ao perfil dessas senhoras, na maioria das vezes eram esposas de gerentes, acionistas ou empresários donos de grandes conglomerados multinacionais que participaram ativamente, nos bastidores, da construção de um ambiente em prol dos interesses estadunidenses no Brasil através de financiamentos encoberto. Tudo em segredo.

Os estudos sobre a participação da mulher no golpe de estado e na construção da atmosfera anticomunista no Brasil na década de 1960, grande parte deles, tendem a ir na direção das ações política de mulheres ao lado de Igrejas, como foi o exemplo da Marcha da Família,

em que houve grande participação feminina. Marcelo Ridenti busca uma análise por um ângulo pouco estudado: a participação de mulheres na construção de uma defesa dos valores, das instituições e das empresas americanas no Brasil, através da cooptação de estudantes.

Marcelo Ridenti não marcou posição de um lado do espectro em disputa, muito menos fez juízo de valor sobre algum personagem da pesquisa. O autor buscou analisar o reflexo da Guerra Fria Cultural no seu objeto de análise, e a ação desses atores (intelectuais, estudantes, senhoras, artistas) diante da Guerra Fria. Foi um jogo com várias formas e focos de disputas.

Os Segredos das Senhoras Americanas é um livro que examina por ângulos diferentes o mesmo objeto. Constitui um esboço sobre as décadas de 1950 e 1960 do século passado. Nele, pode-se perceber várias possibilidades para novos estudos sobre a Guerra Fria. Um deles é como a temática da reforma agrária, pauta muito evidenciada nos vários espectros políticos brasileiros no contexto da época da delimitação do estudo, foi abordada nos Cadernos Brasileiros.

Livro importante é assim. Fica difícil abordar todas as informações contidas nele numa resenha. Excelente contribuição sobre os estudos da Guerra Fria Cultural. Vale a pena a leitura!